

ARTIGO DE OPINIÃO

Autor: Carina Dantas, Diretora do Departamento de Inovação, Cáritas Diocesana de Coimbra

Velho pode ser bom? A crónica do 5º país

Os jornais disseram-nos há umas semanas que somos o quinto na lista dos países mais envelhecidos do mundo. Curiosamente, parecemos receber esta notícia primeiro com surpresa (a sério?!), depois com alguma incredibilidade e depois com a estranha resignação lusa de mais uma inevitabilidade carregada aos ombros com fardos inúmeros que não conseguimos alterar – é fado...

Ao contrário do que eu julgaria óbvio, parece que esta notícia em nada altera o facto de não existir ainda uma estratégia séria e concertada para que Portugal (e a Europa) lide da melhor forma com esta sua nova realidade.

Porque, se por um lado, estes dados trazem uma notícia muito positiva – a longevidade também aumentou, sinal de condições melhores de vida – a verdade é que esta quinta posição não é a do país com maior longevidade. A referência a populações mais envelhecidas no estudo da *Euromonitor International* é elaborada com base no rácio de dependência, que traça uma relação direta entre o número de pessoas com mais de 65 anos e a população trabalhadora.

Ou seja, além de uma maior esperança de vida, este ranking vem dizer que a nossa natalidade é extraordinariamente baixa e temos cada vez menos pessoas em idade laboral – em parte devido à emigração nos últimos anos. De tal forma que as Nações Unidas prevêem que em 2030 Portugal subirá para o terceiro país mais envelhecido do mundo, com uma idade média de 50,2 anos, que em 2015 era de 44 anos.

Todos sabemos e falamos das implicações destes factos para o nosso sistema de pensões e segurança social; observamos diariamente a pressão no Serviço Nacional de Saúde que já está em colapso; sentimos a falta de vagas para serviços de apoio social, com as IPSS esmagadas pelo enorme aumento de utentes em situações de elevadíssima dependência.

Discutimos, menos vezes, mas ainda assim discutimos, as implicações destas alterações demográficas nas estruturas laborais; o efeito nas dinâmicas familiares ao tornar típico o casal "sandwich" - que cuida ainda dos filhos pequenos e já cuida também dos pais idosos – quem consegue, tempo, sanidade e qualidade de vida quando são estas as nossas dinâmicas e esperamos ainda ser trabalhadores competitivos?

Aquilo que não discutimos é qual é a nossa estratégia concertada, de curto, mas especialmente, de médio e longo prazo, não para atalhar o "problema" do envelhecimento, mas para transfigurar o país de acordo com esta realidade. Com as suas dificuldades e desafios, claro, mas essencialmente explorando as suas oportunidades.

Precisamos de uma estratégia de políticas públicas que garantam a sustentabilidade do setor social e de saúde, permitindo e até incentivando a adoção de novos modelos, que garantam melhores cuidados ao cidadão, mais apoio à família e cuidadores, com eficiência e adequada utilização dos recursos do Estado Social.

Precisamos de políticas integradas - saúde, social, comunitário, tecnológico, infraestruturas -, serviços personalizados e adequados às necessidades de cada pessoa (cimentados em percursos de cuidados ao invés de estruturas de saúde), que potenciem a prevenção em detrimento do tratamento e da medicalização, com um financiamento flexível e centrado nos resultados (value-based care).

É absolutamente vital evitar o isolamento, quer nas comunidades, quer na governação. Os diversos atores sociais em Portugal até parecem conscientes destas necessidades e recetivos à sua efetivação, pois sentem diariamente na pele as dificuldades e limitações do estado atual.

O que falta então para a implementação?

A digitalização contínua da sociedade pode ajudar a promover uma vida mais independente, favorecendo assim a saúde e o bem-estar. Muito se tem estado a apostar nesta vertente, quer como solução social, quer como alavanca para a economia. No entanto, as soluções digitais não são a única panaceia para todos os males.

Os cidadãos precisam de maiores rendimentos e mais tempo com a família, necessitam melhorar as suas competências digitais, a literacia em saúde, a consciência de cidadania e participação democrática.

Os espaços enfrentam diversos desafios: remodelação e adaptação do parque habitacional, infra-estruturas digitais, espaços públicos inclusivos, mais e melhor mobilidade e transportes, bem como soluções neutras em termos climáticos.

Finalmente, a saúde e o apoio social necessitam de dados confiáveis, soluções integradas e centradas na pessoa (*new care pathways*) e modelos de negócios sólidos.

Vamos fazer uma proposta conjunta, a 10 anos, que tome medidas sérias nestas várias áreas em simultâneo e assim poderemos criar condições para que as pessoas sejam felizes, bem cuidadas e possam criar valor nas suas comunidades, mesmo num país envelhecido.

Estes temas, e muitos outros complementares ao contexto da Economia Social, vão estar em debate no "Fórum Empreendedorismo e Inovação Social", integrado na edição de 2019 do Portugal Economia Social, que se realiza entre 10 e 11 de dezembro, no Centro de Congressos de Lisboa.